

ELIMINAR OU AMPLIAR BARREIRAS? UMA REFLEXÃO SOBRE COMO OS PROFESSORES DE PROJETO DE ARQUITETURA PERCEBEM A CRIATIVIDADE DISCENTE

MAKE OR BREAK BARRIERS? A REFLECTION ON HOW THE ARCHITECTURAL PROJECT PROFESSORS PERCEIVE THE STUDENT CREATIVITY

ELIMINAR O AMPLIAR LAS BARRERAS? UNA REFLEXIÓN SOBRE CÓMO LOS PROFESORES DE PROYECTO DE ARQUITECTURA PERCIBEN LA CREATIVIDAD DE LOS ESTUDIANTES

ELALI, GLEICE AZAMBUJA

Dra., docente PPGAU/UFRN, gliceae@gmail.com

RESUMO

Entendendo a elaboração de um projeto de arquitetura em âmbito acadêmico como um processo de diálogo entre o estudante e suas próprias ideias - e um momento especialmente favorável ao desenvolvimento de suas habilidades criativas -, este artigo reflete sobre a percepção de docentes de projeto arquitetônico sobre a criatividade dos alunos. A pesquisa, realizada por meio de entrevistas, teve como pontos de partida trabalhos anteriores da autora os quais indicam o potencial do professor na estimulação da criatividade dos estudantes. O estudo mostrou que os professores associam aos alunos criativos características positivas e negativas, mantendo sentimentos ambivalentes em relação a eles. Além disso, embora pedagogicamente seja relevante que o docente se abra ao novo, na prática educativa isso não é simples, pois a estrutura curricular e as exigências sobre a docência tendem a engessar as atividades em sala de aula, gerando mecanismos que dificultam a atividade criativa.

PALAVRAS-CHAVE: criatividade; projeto arquitetônico; percepção docente.

ABSTRACT

Understanding the development of an architectural project in academic environment as a process of dialogue between the student and their own ideas - and a very favorable moment to develop their creative skills -, this article reflects on the perception of professors of architectural project on students' creativity. The survey used interviews. It had as starting point some of the author's previous works, which indicates the teacher's potential in stimulating the creativity of students. The study showed that teachers associate the creative students with positive and negative characteristics, keeping ambivalent feelings towards them. Moreover, although it is pedagogically relevant that the teaching is open to the new, in educational practice that is not simple, since the curriculum and the demands on teaching activities tend to stifle the activities in the classroom, generating mechanisms that hinder creative activity.

KEY-WORDS: creativity; architectural design; teacher's perception.

RESUMEN

Entendiendo el desarrollo de un proyecto arquitectónico en el mundo académico como un proceso de diálogo entre el estudiante y sus propias ideas - y un momento muy favorable para el desenvolvimiento de sus habilidades creativas-, este artículo reflexiona sobre la percepción de los profesores de proyecto arquitectónico acerca de la creatividad de los estudiantes. La encuesta, realizada a través de entrevistas, tuvo como punto de partida otros trabajos de la autora, que indican el potencial de la maestra en la estimulación de la creatividad de los estudiantes. El estudio mostró que los maestros asocian los estudiantes creativos a características positivas y negativas, manteniendo sentimientos ambivalentes hacia ellos. Por otra parte, aunque sea pedagógicamente relevante la enseñanza ser abierta a lo nuevo, en la práctica educativa esto no es simple, ya que la estructura del plan de estudios y las demandas de la enseñanza tienden a reprimir las actividades en el aula, generando mecanismos que obstaculizan la actividad creativa.

PALABRAS-CLAVE: creatividad; diseño arquitectónico; percepción del maestro.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente há um relativo consenso na literatura a respeito do melhor modo para avaliar o ato criativo ser apreender seu resultado em relação ao problema investigado e a valorização deste produto para o grupo, o que reflete a evolução do entendimento desse conceito ao longo do tempo. Nos últimos 50 anos, a compreensão da criatividade passou de uma perspectiva pontual/individual para uma perspectiva processual, ou seja, da “capacidade da pessoa fazer conexões entre diferentes saberes, gerando associações que permitem o surgimento de novos entendimentos e produtos” (HARRIS, HALL, 1970, p.28) até o “processo de se tornar sensível a um problema ou lacuna de conhecimento, formular hipóteses e propor soluções que venham a eliminar ou reduzir a deficiência detectada, permitindo o estabelecimento de novos paradigmas” (ALENCAR, FLEITH, 2003, p.2).

Os autores nesse campo indicam a importância da educação como base para o trabalho criativo, pois ela tanto propicia a aquisição de conhecimentos quanto fortalece as atividades cognitivas necessárias à compreensão dos problemas e a transposição de informações entre campos de conhecimento (ALENCAR, 1995; OSTROWER, 2005; WEISBERG, 1986; LUBART, 2007; KIM, 2010).

Partindo desse quadro geral e retomando trabalhos anteriores da autora que, com base na opinião dos alunos, indicam o potencial do professor de projeto na estimulação da criatividade dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo (ELALI, 2011 e 2013), este artigo apresenta o ponto de vista de professores de projeto de arquitetura sobre o mesmo tema. É preciso ressaltar, antecipadamente, que, nesse texto o projeto é entendido como um processo de diálogo do projetista com suas próprias ideias e com o produto que delas continuamente se materializa por meio de desenhos e maquetes (BOUTINET, 2002; BROADBENT, 1973), correspondendo a uma atividade altamente criativa para a qual o professor pode contribuir como mediador, induzindo a reflexão na ação (SCHON, 2000; LAWSON, 2011).

Apresentando o trabalho realizado, este artigo está dividido em quatro itens. No primeiro é traçado um breve quadro teórico sobre a criatividade e a participação do professor na atividade criativa dos estudantes, tendo como

base a literatura. O segundo mostra o método utilizado, que envolveu entrevistas com professores de projeto brasileiros. No terceiro são apresentados os principais resultados obtidos, enfocando especialmente o ponto de vista dos professores sobre o que é um estudante criativo e como lidar com ele. Seguem-se as considerações finais e as referências.

2 FALANDO EM CRIATIVIDADE

Entendida como um fenômeno complexo e de grande amplitude, a criatividade é atualmente valorizada em todos os campos de conhecimento, notadamente naqueles ligados à chamada Economia Criativa, como cinema, teatro, música, artesanato, moda, arquitetura e eventos.

Em geral, a pesquisa nesse campo é delimitada em função de quatro fatores (RHODES, 1961; MURDOCK, PUCCIO, 1993; RUNCO, PAGNINI, 2011): pessoas, produto, processo e pressão ambiental (em inglês, the four P's: person, process, product, press of place). Por **pessoa** entende-se as características do indivíduo que se refletem em seu potencial criativo, como personalidade, motivação, valores, hábitos, etc. O **produto** é o resultado da atividade do indivíduo-criador, correspondendo a um artefato de qualquer natureza (como um texto, uma música, uma obra de arte, entre outros), sendo sua avaliação a maneira mais usual de investigar a criatividade. O processo diz respeito aos procedimentos necessários para que o produto fosse criado pela pessoa, geralmente subdividido em passos ou etapas. A **pressão ambiental** corresponde à interação entre a pessoa e o ambiente sócio-físico no qual se insere (o que inclui o local em si, a família, a escola e o cenário sócio-cultural), contexto que pode favorecer ou inibir a atividade criativa.

Tomando mais especificamente esse último ponto, a literatura indica a importância da escolarização como base para o trabalho criativo, pois ela possibilita a transmissão de conhecimentos e o fortalecimento de atividades cognitivas essenciais para o adequado entendimento dos problemas pelos pesquisadores e para a transposição de informações de um campo de conhecimento para outro (ALENCAR, 1986 e 1995; OSTROWER, 2005; WEISBERG, 1986). Apesar dessa constatação, em muitas situações a própria escolarização pode vir a “representar um freio considerável à criatividade”

(LUBART, 2007, p.79), pois, em geral, ela valoriza aspectos como conformismo e pensamento convergente, chegando a desestimular a curiosidade genérica e os pensamentos divergentes (KELLER-MATHERS, 2011; KIM, 2010).

Entre os empecilhos individuais que dificultam a atividade criativa Prieto, Soto e Vidal (2013) destacam quatro tipos de bloqueios: cognitivos (dificuldade em delimitar o problema e entender relações; rigidez perceptiva); emocionais (insegurança; medo do erro e do ridículo; desejo de triunfar rapidamente; agarrar-se à primeira ideia; falta de motivação); atitudinais (excesso de certeza; frustração; dificuldade de fantasiar; medo do desconhecido; falta de firmeza para defender ideais; intolerância à desordem e à ambiguidade; baixa autoestima); contextuais (supervalorização da inteligência; conduta condicionada; altas expectativas de êxito).

Além disso, autores como Alencar e Fleith (2009 e 2010) indicam a importância do professor para o desenvolvimento do potencial criativo do aluno, tanto positivamente (ao servir de exemplo, aceitar sugestões e valorizar o surgimento de novas ideias e sua socialização entre os discentes) quanto negativamente (em situações de excesso de críticas ou rigidez). Em sentido semelhante, ao investigar o papel da criatividade no desenvolvimento do ser humano, Winnicott (2005) adverte para a necessidade dos adultos, sobretudo aqueles que assumem o papel de mestres, garantirem espaços para que os mais jovens possam experimentar modos alternativos para o enfrentamento de problemas e modificação da sociedade. Segundo o autor, além de se permitirem aprender com os jovens a ver o mundo a partir de novos ângulos, cabe aos adultos orientá-los e protegê-los nessa aventura.

3 MÉTODO

A opinião dos professores foi coletada por meio de entrevistas, que foram realizadas presencialmente ou por Skype, e abordaram um ou dois docentes em cada oportunidade. Havia um só critério para inclusão: tratar-se de docente que leciona ou já lecionou disciplinas de projeto de arquitetura. Durante o segundo semestre de 2014 foram entrevistados 26 professores cujas idades variaram de 31 a 75 anos, moradores em vários estados brasileiros, todos com formação básica como arquitetos-

-urbanistas e com experiência de pelo menos três anos no ensino superior.

A conversa foi iniciada com uma questão de livre associação, sendo solicitando que o participante dissesse três a cinco palavras que surgiam espontaneamente em sua mente ao falarmos sobre 'aluno criativo'. Estas respostas foram exploradas de modo a propiciar uma discussão preliminar sobre o tema. Nos casos de dois participantes simultâneos, ambos diziam as palavras e depois comentávamos semelhanças e diferenças entre as respostas. Concluído esse momento inicial, as questões norteadoras do encontro foram: O que caracteriza os estudantes criativos? Como a criatividade influencia a elaboração da proposta de Arquitetura? O professor influencia a criatividade dos estudantes? O que o professor e o curso podem fazer para fomentar a criatividade dos estudantes?

Para finalizar os encontros era feito um breve relato da pesquisa realizada com os estudantes (ELALI, 2013), enfatizando especialmente que, ao serem questionados quanto à influência da formação superior em AU em sua criatividade, 32,8% dos alunos indicaram sentir que a graduação "inibiu" sua criatividade (p.14). Em todas as situações tal informação reacendeu a discussão, ampliando por algum tempo a conversa, cuja duração total variou entre 20 e 35 minutos.

As entrevistas foram gravadas e, após transcrito, seu conteúdo foi analisado atendendo aos passos indicados por Bardin (2006): (1) transcrição; (2) pré-análise inicial visando entender a mensagem geral emitida, delimitar as respostas básicas para os temas discutidos e o corpus de análise; (3) exploração do material por meio da confecção de tabelas-resposta por entrevista e por pergunta (juntando as respostas dos vários participantes) e categorização das respostas; (4) análise final.

Ilustrando o texto, nos resultados serão apresentados trechos das entrevistas. Atendendo às exigências da ética na pesquisa, a identidade dos participantes não será divulgada; para diferenciá-los, as citações serão seguidas por uma expressão identificadora, como P26f55.21, na qual P26 significa que foi o vigésimo sexto professor entrevistado, f representa o gênero (no caso, feminino), o número seguinte (55) é a idade da pessoa e, após o

ponto, está o número de anos que a docente ministra disciplinas de projeto (ou seja, vinte e um anos).

4 PRINCIPAIS RESULTADOS

A pesquisa permitiu a identificação de aspectos positivos e negativos associados pelos docentes aos alunos considerados criativos, denotando, ainda, que, em muitas situações eles vivenciam sentimentos ambíguos, uma vez que, mesmo demonstrando admirar e estimular a criatividade, em algumas situações os estudantes criativos alteram significativamente a dinâmica da classe, modificando o planejamento previamente estabelecido. Nesse sentido, uma das participantes alertou:

No geral, os estudantes de graduação em arquitetura são pessoas minimamente criativas. Com isso a questão é lidar com uma turma nem sempre muito submissa. Se o professor tem um pouco de jogo de cintura, essa talvez seja a parte menos complicada. Para mim o problema está naqueles que são pouco criativos, ou são tímidos ao mostrar sua criatividade, pois em projeto uma das coisas que procuramos é justamente a solução criativa. (P5f47.12)

Feita essa ressalva, voltando à pesquisa realizada, entre as palavras utilizadas para caracterizar o estudante criativo destacaram-se (nessa ordem – Figura1): talentoso (20/26), questionador (17), crítico (13), inovador (12), inquieto (10), ousado (9), interessado (8), transgressor (6), sensível (6) e solucionador (5).

Segundo os participantes, o que caracteriza os estudantes como criativos é procurarem novos modos para solucionar os problemas e fugirem do convencional, de maneira que tentam aten-

der as exigências práticas da disciplina, mas sem ser simplistas ou se apegarem à primeira ideia, ou seja, mantendo o senso crítico e procurando ir além do solicitado. Em suas palavras:

Quando é muito criativo o aluno não aceita propostas e informações prontas. Ele tem outra visão de mundo, e isso deve ser canalizado para a turma. (P1f45.08)

É aquele aluno que sai do ‘normalzinho’, que vai além, ao menos quando quer fazer isso. Você passa uma atividade comum, e ele traz uma resposta além da esperada, tem uma ideia diferente do que estava minimamente previsto. (P12f31.05)

Quando são participativos, os mais criativos assumem a responsabilidade por parte importante do trabalho, trazem ideias, sugestões e conteúdos interessantes. (P03f42.09)

Eles percebem as solicitações de um jeito diferente, buscam saídas pouco convencionais e um jeito próprio para resolverem as coisas. Gostam de correr risco, de ousar. (P13m42.11)

É um aluno que não gosta de se sentir mediano, não quer que seu trabalho pareça medíocre, mais um entre iguais. Ele fica insatisfeito quando se limita a fazer apenas o que é pedido, tem que fazer mais. (P22f38.10)

Quando sente que precisa ir além, simplesmente vai, quer tenha permissão ou não. Os criativos sabem que tem que romper limites, e não se interessa se outros vão concordar, embora queira que admirem suas propostas. O aluno criativo floresce quando se dá possibilidade para ele se soltar. (P15f52.17)

É alguém que insiste em sair do que é comum, que se preocupa com inovações. Aquele aluno que está sempre se propondo a mudança e diz “e se...” E esse “se” altera tudo. Vira um novo desafio. Estamos fazendo uma casa de praia, ele já entendeu os condicionantes e está no caminho para definir o partido. Aí ele olha pro trabalho e diz: “e se a praia fosse Copacabana?” ou “e se não fosse possível usar madeira”. (P16f45.11)

São alunos que tem uma capacidade de questionar superior a dos colegas, mas nem sempre interagem bem com o grupo durante todo o semestre. É importante en-

Figura 1. Nuvem de palavras geradas por livre associação a partir da expressão “aluno criativo”



Fonte: a pesquisa, dados trabalhados pelo www.wordle.net

siná-lo a dividir seus insights com os outros, o que pode fazer com que todos cresçam. Como eles não se conformam com pouco e contestam o que não gostam, essa contestação e esse inconformismo podem levar o grupo a novos patamares, e até promover alterações importantes na disciplina. (P24m60.20)

Os participantes indicaram que tais estudantes tendem a solicitar maior liberdade para elaborar suas propostas projetuais e não se contentam com o básico, muitas vezes querendo mudar a estrutura da disciplina e as instruções do professor. Diante disso, desenvolvem “um certo talento para a transgressão”, a qual aparenta estar relacionada tanto à atividade projetual quanto à própria criação/afirmação da identidade do estudante.

Como é muito auto-suficiente, é comum que o estudante criativo queira fazer o trabalho sozinho, sem muita orientação, e pode não se dar muito bem no final. (P25f52.16)

Faz as coisas no tempo dele, que nem sempre é igual ao da turma. Alguns têm clara dificuldade para seguir normas e regras, e ficam insatisfeitos quando precisam se comportar de acordo com o padrão do grupo. (P16f45.11)

Tem um desassossego, uma inquietude intelectual própria, uma necessidade de ser diferente e se destacar. (P07f35.06)

Ele contamina os outros com suas ideias. Quando são boas, elas alavancam a turma. Quando não são adequadas ao momento, pode ser fonte de conflito... (P10m27.03)

De acordo com os professores, a presença de alunos mais criativos em classe tende a aumentar as exigências sobre o docente, sobretudo no que se refere à exigir maior flexibilidade/maleabilidade para acomodar o planejamento inicial à novas demandas e justificar decisões.

Mesmo sem querer, quem é muito criativo exige que o professor mostre algo diferente. Faz perguntas diferentes, ultrapassa limites e procura explicações para dúvidas nem sempre simples. (P25f52.16)

Não se contenta com qualquer explicação, quer que o professor explique porque aquilo tem que ser feito daquele jeito e porque outro modo de fazer não dá certo. É cheio de ideias, e gosta de tentar fazer do jeito dele, até provar que funciona ou entender que não vai mesmo funcionar. (P19m63.44)

Ele trava o meu planejamento. Usa o questionamento como um modo de indisciplina. Parece que passa a aula toda planejando uma pergunta que é quase uma pegadinha, principalmente quando bem colocada. Aquela pergunta quebra a aula, quebra o raciocínio... faz o professor dar saltos, ir lá na frente pra poder explicar dar a tal explicação... Mas é melhor tentar explicar, porque se isso não acontece parece que é você não sabe ou está com má vontade. (P26f55.21)

A gente planeja, organiza, se esforça para criar um modo para promover a aprendizagem do grupo. Os alunos menos criativos se adaptam e conseguem bons resultados. As vezes é justamente o mais criativo que atrapalha o ritmo do planejamento e da aula, porque não quer se submeter. (P17f35.07)

Mesmo em uma área criativa como projeto, o professor ainda é aquele que sabe mais, ou pelo menos tem um pouco mais de experiência e, por causa disso, conduz a aula e o curso. De vez enquanto aparece um aluno que faz o próprio caminho e não tá nem aí pro professor, que não se acha dependente das suas orientações ou pensa que, porque é criativo, já sabe de tudo... aí a coisa toda complica muito. (P04m70.40)

O problema do aluno super-criativo é maior quando ele resolve defender a novidade pela novidade, e não aceita que suas ideias sejam contrariadas. (P19m63.44)

Os docentes mostraram opiniões bastante semelhantes ao afirmar que a criatividade influencia a elaboração da proposta de Arquitetura, e os mais criativos tem maior facilidade para realizar a atividade projetar. Segundo nove deles (mais de 1/3 do grupo) a criatividade é fundamental para a elaboração do projeto arquitetônico, para outros oito é complementar, seis indicaram que ser criativo “ajuda porém não é essencial” ao desenvolvimento do projeto e, três comentaram que, no caso de estudantes, “ser criativo podia até atrapalhar”, uma vez que podia tornar “complexa uma tarefa relativamente simples”

Existem muitos modos de fazer a mesma coisa. Ser criativo é procurar possibilidades e soluções. As vezes, ser criativo é simplesmente usar o que é comum, mas de um jeito novo. Imagine que eu peço para você iluminar uma sala. Você pode colocar uma janela, pode abrir um pergolado, pode usar uns blocos de vidro encaixados na alvenaria, pode colocar um vitral, pode fazer uma clara-boia, ou até chumbar garrafas na alvenaria e ter pontos de luz difusa na parede... todas essas soluções são conhecidas, o projetista vai ter q optar, trabalhar com isso e arcar com as consequências... (P19m63.44)

Também é preciso pensar de que tipo de criatividade estamos falando, e isso tem relação com o tipo de inteligência ou com a motivação do estudante. Uns são formalmente criativos, outros pensam na volumetria, outros são melhores resolvendo as relações entre cômodos ou com o entorno. Em arquitetura a criatividade pode estar na volumetria, na planta, na implantação, em um detalhe, na aplicação da cor. São muitas possibilidades. (P13m42.11)

Os participantes indicaram entender que o professor influencia a criatividade dos estudantes, podendo promovê-la a partir de práticas diferenciadas de ensino, que não se limitem a aulas tradicionais. Entre as sugestões nesse sentido foram apontadas: aulas que explorem diversos tipos de inteligência, atividades múltiplas, discussão de temas atualizados, visitas a obras, promoção de palestras de profissionais

que atuam no mercado e familiaridade com novas mídias a fim de aproximar o estudante de outras realidades.

Além de indicarem a necessidade de respeito pelas soluções que os alunos trazem, os professores mostraram que é preciso procurar a expressão criativa nos seus trabalhos, sobretudo nas disciplinas do início do curso, nas quais o estudante ainda não domina ferramentas de representação.

A criatividade está em tudo, no traço, na forma, na colocação de cada elemento. Se eu me sento com o aluno 15 minutos e discuto a proposta que ele está desenvolvendo, eu estou trabalhando a criatividade, tanto a minha quanto a dele. (P14m55.14)

Embora a maior parte dos entrevistados tenha indicado a liberdade como fator importante para o desenvolvimento da criatividade, um dos participantes discordou frontalmente dessa ideia e apontou outro caminho:

Eu imponho restrições. Nas disciplinas de final de curso há muitas exigências e dificuldades. O Plano Diretor exige gabarito, recuos, taxa de ocupação do lote. As normas do tipo de edifício tem um monte de restrições. Não pode isso, não pode aquilo, só faz uma coisa se atender a outra. Os materiais escolhidos também definem limites, de vãos livres, por exemplo. E eu ainda fico acrescentando outras questões: tem que ver o mar; o dono da empresa quer uma sala de 40m²; não pode usar o branco... Quanto mais difícil de resolver o problema, mais eles precisarão ser criativos. (P19m63.44)

Também é importante ressaltar a ressalva feita por dois participantes, no sentido de indicar a preocupação com a formação técnica do futuro profissional, que não deveria depender da criatividade para fazer um bom trabalho.

Não sei se é papel do professor tornar o estudante criativo. Para mim nosso papel é mais técnico mesmo. Precisamos ensinar o aluno a projetar de um modo correto, a representar as ideias, a fazer uma estrutura adequada e que se mantenha firme, a estudar as condições de conforto, a dimensionar aberturas, a escolher materiais, tudo isso e mais. Não é pouca coisa, ao contrário, é uma responsabilidade enorme. Quando ele aprender a fazer o que é necessário e do modo correto, aí pode começar a ousar, e tentar inovações, e inventar novos modos de fazer. Não vejo qualquer problema nisso, ao contrário, até acho que é o mais correto. (P23f42.13)

Para tudo existe um período de preparação, de amadurecimento. No curso de arquitetura há uma preocupação em fazer com que os estudantes façam propostas criativas, principalmente na hora em que eles projetam edificações. Acho que na escola até dá prá fazer umas coisas interessantes. Mas será que é o curso que tem que preparar para isso? Até podemos tentar, mas talvez esse não seja realmente o nosso foco. Se o curso estiver instrumentalizando o estudante para fazer um projeto que seja correto, adequado ao clima e aos usuários, que não

agrada a cidade, estamos fazendo o nosso papel. Com o tempo o profissional poderá tornar-se mais ousado e realmente capaz de inovar. (P16f45.11)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o estudo realizado mostrou que os professores associam aos alunos criativos características positivas e negativas, mantendo sentimentos ambivalentes em relação a eles. São positivas suas percepções sobre o potencial das soluções geradas por estes estudantes, bem como sua contribuição para a evolução da turma e da disciplina, e são negativas suas percepções relacionadas à transgressão de normas e limites e à dificuldade de manter o planejamento preestabelecido para o curso.

Embora em termos pedagógicos seja incentivado (e relevante) que o docente se cerque de novos modos de pensar e de fazer (especialmente em uma área como o projeto de arquitetura, na qual é esperável que os estudantes se mostrem criativos), na prática educativa esse tipo de atuação não é tão simples ou óbvio. Em geral, tanto estruturas curriculares quanto práticas docentes relativamente tradicionais dificultam mudanças e tendem a engessar as atividades em sala de aula, pois geram mecanismos que dificultam a criatividade, constituindo obstáculos às inovações, quer propostas pelos professores, quer por estudantes mais inquietos. Assim, mesmo que pedagogicamente a criatividade seja incentivada, no dia a dia em sala de aula os professores esperam que os estudantes se mostrem adaptados às exigências da instituição e da disciplina.

Para concluir é essencial enfatizar que, embora nenhuma dessas ideias seja nova, diante da conjuntura atualmente vivenciada no ensino superior, é fundamental que esse tipo de discussão seja retomado nos cursos de Arquitetura e Urbanismo brasileiros. Esse texto terá atingido seu objetivo se conseguir contribuir para fomentar esse debate.

6 AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pela bolsa de Produtividade em Pesquisa; à UFRN, pelo apoio; aos professores que aceitaram participar da pesquisa, pela disponibilidade.

7 REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. M. *Criatividade*. Brasília: Editora UnB, 1995.
- ALENCAR, E. M. *Psicologia da Criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ALENCAR, E. M.; FLEITH, D. M. S. Criatividade na educação superior: fatores inibidores. *Avaliação Psicológica*, 15 (2), 2010. P. 201-206.
- ALENCAR, E. M.; FLEITH, D. M. S. *Criatividade: múltiplas perspectivas*. Brasília: EdUnB (3ª. edição), 2009.
- ALENCAR, E.; FLEITH, D. Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19 (1), jan/abril, 2003, pp. 1-8.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BOUTINET, J. P. *Antropologia do projeto*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.
- BROADBENT, G.. *Design in architecture: Architecture and the human sciences*. New York, USA: John Wiley & Sons, 1973.
- ELALI, G. A. Criar ou não criar, eis a questão: breve discussão sobre o papel da criatividade no projeto de arquitetura. In: VI PROJETAR. *Anais do VI Projetar*. Salvador: EdUFBA, 2013, p. 1-18.
- ELALI, G. A. Múltiplas inteligências e estimulação da criatividade: uma experiência do uso da narrativa para fomentar o projeto arquitetônico. In: V PROJETAR. *Anais do V Projetar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p. 1-16.
- HARRIS, R.; HALL, A. E Creativity and the need for associative novelty. *Canadian Journal of Psychology / Revue canadienne de psychologie*, v. 24(2), Apr 1970, 90-97.
- KELLER-MATHERS, S. Building passion and potential for creative learning in Higher Educations. *Collected Essays on Teaching and Learning*, Vol. IV, 2011, pp.1-6.
- KIM, K. H. Measurements, causes, and effects of creativity. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, n. 4, 2010. P. 131-135.
- LAWSON, Bryan. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- LUBART, T. *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
- MURDOCK, M. C.; PUCCIO, G. J. A contextual organizer for conducting creativity research. In: ISAKSERN, S.G.; MURDOCK, M.C.; FIRESTIEN, R. L.; TREFFINGER, D.J. (Orgs.) *Understanding and recognizing creativity: the emergence of a discipline*. New Jersey: Ablex public, 1993.
- OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PRIETO, M. D.; SOTO, G.; VIDAL, M. C. F. El aula como espacio creativo. In: PISKE, F.; BAHIA, S. (Coord.) *Criatividade na escola*. Curitiba: Juruá, 2013. P. 33-50.
- RHODES, M. An analysis of creativity. *Phi Delta Kappan*, 42 (7), 1961, pp.305-310.
- RUNCO, M. A.; PAGNINI, A. R. Psychological research on creativity. In: SEFTON-GREENE, J.; THOPSO, P.; JONES, K.; BRESLER, L. (Orgs.). *The Routledge international Handbook of Creativity Learning*. Hoboken: Taylor & Francis, 2011, pp. 63-71.
- SCHÖN, D.. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- WEISBERG, R. *Creativity: Genius and Other Myths*. New York: Freeman Press, 1986.
- WINNICOTT, D. W. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.